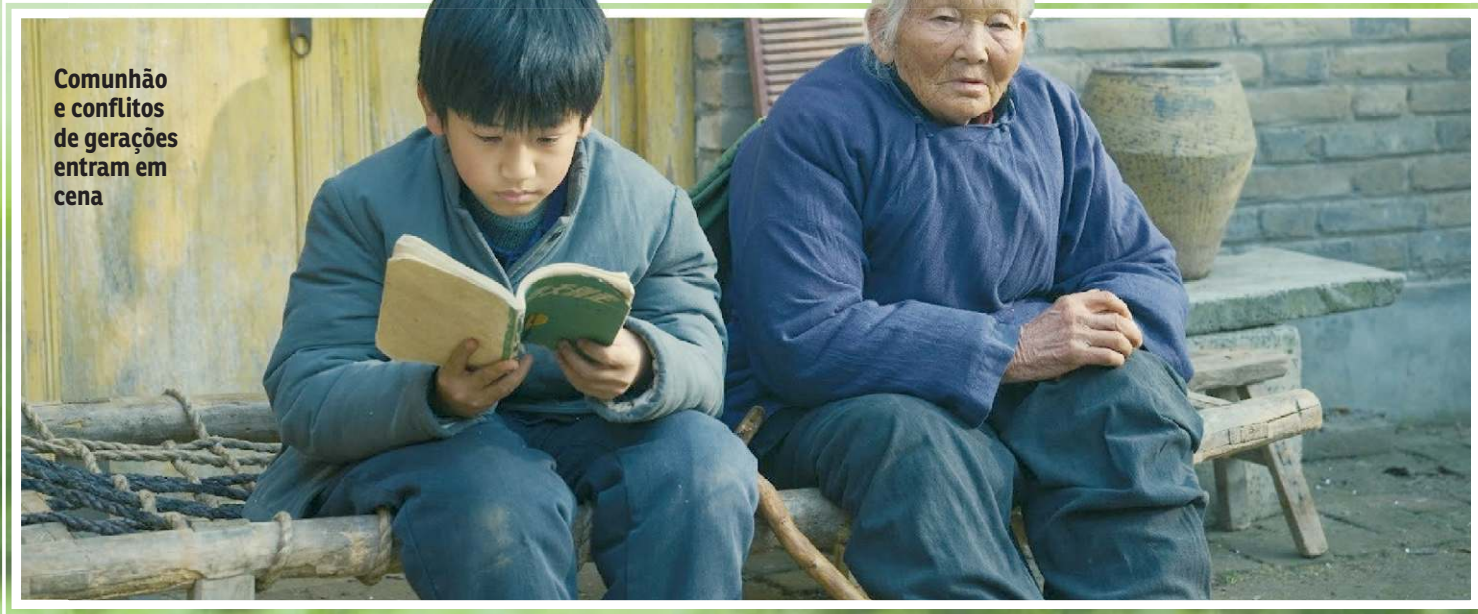


Diversão & Arte



Comunhão e conflitos de gerações entram em cena

O OCASO DAS RAÍZES FAMILIARES E DAS TRADIÇÕES, NUMA CHINA ESCRAVIZADA PELO DESENVOLVIMENTO MECÂNICO, BROTA NO LONGA **LIVING THE LAND**, VENCEDOR DO URSO DE PRATA NO FESTIVAL DE BERLIM

» RICARDO DAEHN

Foi o premiado diretor Jia Zhangke (reconhecido por *Em busca da vida* e *Plataforma*) quem puxou para o estrelato o compatriota chinês Meng Huo, quando o selecionou para a exibição especial de *Crossing the border* — *Zhaoguan* (2018), incluído em segmento do Festival de Berlim. No ano passado, novamente na capital alemã, Meng venceu o título de melhor diretor, conduzindo o longa *Living the land*, que, inédito, estreia em Brasília.

Seguindo uma linha antológica de cinema de primeira estirpe, que faz lembrar o clássico de Ermanno Olmi, *A árvore dos tamancos* (vencedor da Palma de Ouro em Cannes) e *Os emigrantes*, de Jan Troell, o artista chinês — formado em direito, mas com mestrado em cinema — abraça um painel de gerações de personagens que, naturalmente, concretizam um embate com a natureza e as riquezas nela alastradas. Há muitos obstáculos para modesta galeria de tipos que, entre comemorativos fogos de

artifício plantados no plano rural, entram em crise por causa da crescente mecanização no campo que promete soterrar a força analógica.

Num crescente, o cineasta Meng Huo capta um conjunto de transformações em curso, com reflexos socioeconômicos, dada a injeção tecnológica numa China rural, claudicante, em 1991. Quem vislumbra a quebra de tradições é o protagonista Chuang (Shang Wang) que, aos 10 anos, convive com a sábia bisavó, a senhora Li-Wang (Zhang Yanrong), sob a tutela do tio Tuanjie (Wan Zhong), e com completa cumplicidade junto da tia Li Xiuying (Zhang Chuwen).

Chuang busca pertencimento, entre primos swem intelecto muito desenvolvido, adversidades ambientais, cinzas e túmulos de familiares mortos — ou mesmo vivos, caso dos pais que o rejeitam a fim de buscarem maior qualidade de vida na distante Shenzhen.

Neste segundo filme da carreira, o diretor sublinhou, para a imprensa internacional, o registro das “pressões que as mulheres enfrentaram — tanto social quanto fisicamente”; tudo a reboque de muitos danos. Numa crítica, texto da

Variety destrinçou: “Como demonstrado em uma cena visceralmente perturbadora, exames regulares de gravidez são obrigatórios por lei para todas as mulheres em idade fértil, expondo seu planejamento familiar e até mesmo sua atividade sexual ao patriarcado”.

O popular site da IndieWire descreveu o filme como “extremamente bonito e envolvente”. Além da plasticidade (à altura de um *Lanternas vermelhas*, para ficar num exemplo asiático), *Living the land* revela uma beleza única do meio ambiente que abrange cenários a serem estragados pela exploração daquilo que encerra o progresso: as mantas de petróleo. A espartezia da cena final — que mostra a importância da união humana, quando uma peça de engrenagem do chamado progresso sai dos trilhos, vale cada centavo do ingresso.

Quem viver REVIVERÁ

Vencedor do Urso de Prata de Melhor direção no Festival de Berlim, *Living the land* estreia na capital

Fotos: Autoral, Filmes

SAGRADO CARNAVAL

» MARIANA REGINATO

Com o carnaval chegando, a folia também aparece nas telas do cinema. O primeiro longa de Rodrigo Resende Coutinho, *Na minha terra, carnaval é religião*, documenta a rotina de artistas e blocos brasileiros que saem nas ruas de Lisboa em fevereiro e mostra a festa como um ato político, além da diversão. O longa será exibido pela primeira vez na capital no Cine Brasília, amanhã, às 20h.

A ideia do projeto surgiu enquanto o cineasta morava em Lisboa e

percebeu a organização política por trás da saída dos blocos. “Taxas estavam sendo cobradas por parte da Câmara Municipal de Lisboa e da Polícia Local e foi isso que me fez assim querer registrar. Porque a minha ferramenta de luta é o audiovisual, eu acho que podia registrar e dar força para essa luta”, comenta Rodrigo.

Atualmente, após o empenho dos grupos, o carnaval se tornou oficial em Lisboa. “Na prática, não mudou muita coisa, os blocos ainda estão tendo dificuldades para licenciar o carnaval, mas foi importante porque

Rodrigo Resende Coutinho/ Divulgação



O cineasta registrou a importância dos blocos de carnaval brasileiros em Lisboa

fica claro que o carnaval é uma manifestação muito importante para os brasileiros, que são a maior população imigrante em Portugal”, ressalta.

Além de cineasta, Rodrigo também é músico, e o projeto tem suas duas paixões. “Eu vi no carnaval esse potencial de juntar o audiovisual com a música e poder trazer para as telonas esse tema que eu amo. Aprendi a tocar pandeiro e me juntei a blocos para tocar caixa”, comenta.

A estreia do longa no Cine Brasília é um marco para Rodrigo. “Eu fiz o teste de projeção e ver meu filme na telona é

muito diferente. Em Lisboa, eu lancei em sala menores. Estar no Cine Brasília é uma honra, no cinema icônico da cidade, que recebe o Festival de Brasília, um expoente da nossa cultura internacional. Muitos filmes ótimos do cinema brasileiro são estrelados lá”, elogia o cineasta. Rodrigo também destaca a importância de estrelar o filme na sala Vladimir Carvalho. “É uma alegria muito particular mesmo estar na sala Vladimir Carvalho, um grande documentarista, que retratou tão bem a cidade. Estar nessa sala é quase uma benção do cinema documental.”